

A CAÇADA SELVAGEM

A Caçada Selvagem, ou a Hoste Furiosa da Alemanha, foi chamada de Herlathing na Inglaterra, a partir do mítico rei Herla, seu suposto líder; no norte da França, ela ganhou o nome de Mesnée d’Hellequin, a partir de Hel, deusa da morte; e, na Idade Média, era conhecida como Caçada de Caim ou Caçada de Herodes, nomes dados porque os líderes supostamente não conseguiam ficar em paz pelos assassinatos cruéis de Abel e de João Batista e pelo Massacre dos Inocentes. Na França central, o Caçador Selvagem, representado em outros países por Odin, Carlos Magno, Barba-Ruiva, Rodenstein, von Hackelberg, pelo rei Arthur, Hel, por um dos reis suecos, Gabriel, Caim ou Herodes, é também chamado de Grande Caçador de Fontainebleau (le Grand Veneur de Fontainebleau). O povo afirma que, na véspera do assassinato de Henrique IV e também poucos antes de estourar a grande Revolução Francesa, seus gritos foram ouvidos enquanto ele percorria o céu (Hélène Adeline Guerber).

Em certos países da Europa, há a lenda da Caçada Selvagem. A sua origem está na crença de que Odin, deus nórdico dos céus, às vezes, entre as nuvens, lidera uma ruidosa expedição de caça. Aqui, na terra, quem ouve seus ruídos, pode esperar o advento de tragédias. Com a cristianização dos povos nórdicos, Odin cedeu a lugar a outras figuras, mas a crença persistiu, como mostramos na epígrafe acima de Hélène Adeline Guerber, grande conhecedora do folclore europeu.

Mas não é apenas nas brumas da Europa que sua silhueta é vislumbrada. Há quem jure, com o tremor nas mãos dos que viram o impossível, que a Caçada Selvagem cruzou o Atlântico, talvez guiada pelos ventos negros da escravidão e pelos gritos das matas profanadas, até galopar sobre os telhados do Rio de Janeiro colonial. Lá, onde hoje há apartamentos de vidro e avenidas congestionadas, havia a densa e úmida floresta da Tijuca, ainda não domada pelo bisturi do progresso. Em noites de lua nova, dizem que um uivo ancestral ecoava do alto das colinas, e homens de fé ou de medo trancavam janelas com preces, murmurando “os caçadores estão à solta”.

Mas que caça é essa, tão infatigável, que persegue pelos séculos as sombras e os gritos do passado? Diz-se que a Caçada Selvagem não busca animais, nem troféus. Ela persegue os ecos da injustiça. Onde a dor fermenta por gerações, ela se

aproxima. Onde o sangue clama por resposta, ela ergue sua trompa invisível e parte em galope.

Na Revolução Francesa, ela soprou nos ouvidos de Sansons e Robespierres, lembrando que reis também têm espinhas cervicais. Na Alemanha nazista, seus cães — invisíveis mas vorazes — atravessavam campos de concentração à espera da libertação que não vinha. E aqui, nas veredas poeirentas do Brasil, quando o povo se ajoelha para enterrar um filho morto pela polícia, ou quando um ventre indígena é queimado em nome do progresso, ela galopa.

Contudo, há um mistério na Caçada. Ela não é apenas vingança. É advertência. É o grito antes da tempestade. O rumor nos trilhos antes da locomotiva. O prenúncio.

E então, nesta noite abafada, em pleno 2025, ao abrir a janela do quarto andar, ouvi um som estranho. Não era helicóptero, nem drone, nem carro a explodir escapamento. Era um galope sem patas. Era o som de cães sem ossos. Era o trovão que não vinha do céu.

Pensei que fosse loucura. Mas ao olhar o mundo — com suas guerras envernizadas, suas redes de mentira, seus inocentes vilipendiados e seus culpados rindo nos palácios — compreendi: a Caçada Selvagem está novamente sobre nós.

Ela nunca nos deixou.

E talvez, nesta crônica que se escreve como quem conjura, você também a ouça, no tilintar de um vento fora de hora, no latido de um cão que parece mirar o nada, ou no arrepio que lhe corre a espinha quando tudo parece normal demais. Porque a normalidade é o disfarce mais insidioso da barbárie.

E a Caçada? Ela cavalga eternamente sobre os ossos da história — e sempre retorna quando esquecemos o que nos fez humanos.